

UC Berkeley

Lucero

Title

Laszlo, Marissa e meu pai

Permalink

<https://escholarship.org/uc/item/79t0k3t7>

Journal

Lucero, 17(1)

ISSN

1098-2892

Author

Passos, José Luiz

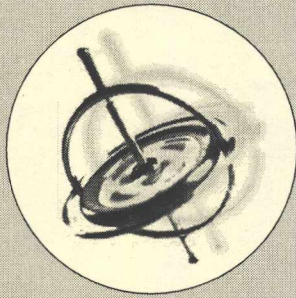
Publication Date

2006

Copyright Information

Copyright 2006 by the author(s). All rights reserved unless otherwise indicated. Contact the author(s) for any necessary permissions. Learn more at <https://escholarship.org/terms>

Peer reviewed



LASZLO, MARISA E MEU PAI

JOSÉ LUIZ PASSOS

Texto lido na Primeira Conferência sobre Imigração Brasileira na Costa Oeste dos Estados Unidos, University of San Francisco, 4 e 5 de novembro de 2005.

Nos sábados às vezes eu acordava com o cheiro de óleo de banana que meu pai passava no cano das armas, e passava com muito cuidado usando uma tira de flanela na ponta duma vareta de latão. Depois do café ele conferia quais eram as peças precisando de reparo e nós dois seguíamos na Caravan branca para um dos bairros mais antigos do Recife, ainda hoje chamado de Poço da Panela.

Lá eu ia rever seu Laszlo, um dos primeiros imigrantes que conheci; o velho Laszlo era o nosso armeiro favorito. No fundo da garagem dele, passando por debaixo duma parreira que se espalhava no caramanchão estreito, aquele homem tão branco e com a pele já largando do corpo tinha montado uma oficina completa, com torno mecânico e tanque de oxidação.

Quando a Alemanha arregimentou a Hungria, os soldados de Hitler devem ter percebido que seu Laszlo tinha jeito com as máquinas. Então o deixaram por perto dos blindados, preso mas sempre à mão e, desse modo, como mecânico de tanques-de-guerra ele acabou escapando do pior até ir bater no Brasil. Não sei quando chegou, nem por que escolheu justo o Poço da Panela como ponto para abrir sua oficina de armas, sei que com aquela habilidade para raiar cano gasto, abrir tambor de revólver e contar casos, ganhou fama. Vinha gente dos estados vizinhos se consultar com o velho armeiro.

Uma das histórias que mais cativava nossa atenção era a do entusiasmo dele com o arsenal alemão. Seu Laszlo arregaçava a manga da camiseta e punha a cabeça do dedo num buraco aberto por um tiro de fuzil. Dizia que nem sequer tinha visto o atirador, e que a ponta acobreada do cartucho 7 mm Mauser tinha deixado uma ferida limpa, atravessando-lhe o ombro praticamente sem dor. Fosse um “besouro de caubói”, lento e bruto—como ele se referia aos calibres mais grossos que os americanos levaram para a Segunda Guerra—o ombro de seu Laszlo não teria escapado ao tiro, porque as metralhadoras Thompson calibre 45, famosas desde Al Capone, eram espalhafatosas e só matavam mais de perto.

Meu pai ria muito e o armeiro contava suas histórias misturando português com espanhol e húngaro. Essa fala tortuosa, feita de repetições e termos emprestados, fazia da simples abertura duma rosca de cano um caso cheio de novidades. Lembrando-me disso, hoje creio que seu Laszlo sentia falta de que prestassem mais atenção à sua língua, pois segundo ele, no Recife só quem lhe falava em húngaro era a própria esposa.

Uma vez ele me disse que nas repartições públicas os brasileiros ficavam loucos quando precisavam escrever o seu nome com as três consoantes de *Laszlo* pegadas. Quando ouvi o velho repetir a mesma história, respondi que em português a gente tinha o tritongo, que eram três vogais também sempre pegadas. O armeiro pensou um pouco e me disse que isto até podia ser, mas mesmo assim os brasileiros ficavam loucos com o nome dele... E eu ria e me admirava das suas histórias sobre a grosseria dos americanos e outros casos de guerra que ele contava maravilhado, mostrando aquele encanto com a técnica alemã que lhe mastigou o próprio ombro. O amor da vítima é sempre algo muito estranho.

Quanto ao meu pai, só muito depois fui perceber que não havia nada de misterioso no prazer dele com o despeito do armeiro contra a engenharia militar ianque. A minha avó paterna tinha falecido em 1942. No ano seguinte, no mesmo ano em que seu Laszlo remendava os tanques alemães, meu avô pediu uma permissão especial ao Presidente Getúlio Vargas—com quem a família mantinha uma relação cheia de cautela—e partiu para a Louisiana. Ele já havia estado em Nova Orleans entre 1928 e 1930, quando concluiu uma pós-graduação em química de açúcar. Meu avô esperava tomar distância da morte recente da esposa, tentando com isto trazer a Pernambuco uma técnica nova para o aproveitamento do bagaço de cana como matéria-prima de celulose. Nas suas memórias ele descreve aquela primavera de 1943 da seguinte maneira:

Durante minha estadia em Nova Orleans, em função da missão de estudo acima referida, fiz amizade com o cônsul geral do Brasil, Sr. Guimarães Gomes, gaúcho de boa aparência e de trato agradável, e também com o adido ao consulado, Sr. Otávio Bandeira, parente afastado dos Bandeira de Pernambuco.

Certa ocasião, por sugestão do cônsul e em companhia do Otávio, compareci a

uma festa da Cruz Vermelha, muito comum naquela época para angariar brindes para os combatentes. A festa não estava me despertando maior interesse, até que, num intervalo das danças, vi atravessar no salão uma jovem que me chamou a atenção: estatura mediana, andar desembaraçado e gracioso, elegantemente vestida num *tailleur* acinturado, com um chapéu pequeno sem abas, cabelos a pajem, rosto oval tipo latino, enfim, uma jovem atraente à primeira vista. Coisas do destino, não interessa saber como, o fato é que, dentro em pouco, estávamos num grupo, do qual fazia parte a minha beldade, e em conversa animada. Chamou-me a atenção que a jovem era bilíngüe, sem sotaque em qualquer língua: inglês e espanhol. Marisa Avilés, assim se chamava, era funcionária federal do Serviço de Censura Postal, filha de nicaraguenses, porém nascida em Nova Orleans.

Um ano depois, em abril de 1944, meu avô se casou com Marisa, a única avó paterna que cheguei a conhecer. Ainda no mesmo ano ela se mudou para o Recife e lá permaneceu pelo resto da vida.

Bem antes de seu Laszlo, Marisa foi a primeira imigrante com quem convivi, muito embora só tenha me dado conta disto quando vim para os Estados Unidos, então passando a vê-la não apenas como avó, mas agora como alguém que também viveu entre duas culturas. Sua língua era polida e grave, com um sotaque que lhe marcava as frases curtas, sempre no imperativo. Tinha um cheiro bom, de frásqueira perfumada, usava cores vibrantes e brincos de pressão, grandes e brilhosos como besouros de vidro. Meu pai achava Marisa um pouco fria, às vezes agressiva, americana demais, ele dizia.

Órfão a partir dos cinco anos de idade, e desde jovem mulhengo, rebelde e dissipador, decidiram que a disciplina dele viria com uns anos na América. No começo da década de 50 meu pai foi posto em regime interno na academia militar de Nova Iorque. Ali chegou à patente de Cabo e, contente com aquilo, para comemorar liberou cerveja no alojamento; quando então foi preso, rebaixado a soldado raso e convidado a se formar. O resultado foram cinco anos de Estados Unidos e seis de Europa, vagando em busca de mais

juízo e o começo duma profissão. Quando finalmente voltou ao Brasil, por sentir tanta falta dos campos de cana e das primas, veio com quatro línguas mal-faladas e uma coleção impressionante de histórias. No total passou onze anos fora.

Num diário escrito na Suíça, meu pai dá a seguinte impressão da sua madrastra americana:

Rosa Maria Avilés Passos, Marisa: Minha madrastra deve ter os seus quarenta anos. Nunca nos demos muito bem, contudo ela procura sempre ser amável comigo e minha irmã; irmã do primeiro matrimônio. Acho Marisa uma pessoa muito ríspida, e isto talvez seja dado a sua doença, pois ela já esteve nos EEUU por doença psicológica. Durante o tempo em que morei com ela e papai, eu nada gostei. O mesmo com minha irmã. Creio que foi dado a isto que ela se casou, para sair da casa da nossa madrastra. Kreuzlingen, 9 de março de 1960.

Agora sei que as risadas que ele dava diante de seu Laszlo, quando o armeiro falava do aspecto bruto e impolido da soldadesca americana, que celebrava carabinas de alavanca e pistoleiros rabugentos disparando a esmo, eram gargalhadas contra a madrastra e aqueles anos de academia militar. Quando volto a pensar nas histórias que meu pai me contou, tendo vivido tantos anos fora, sempre me surpreendo ao ver que praticamente todos os seus companheiros de façanhas e viagens eram também outros estrangeiros ou imigrantes: o japonês com quem ele capotou numa estrada congelada do Centro-Oeste americano; o porto-riquenho que o ajudou com a venda das cervejas na academia militar de Nova Iorque; a portuguesa que meu pai conheceu na suíça, pianista proibida de tocar pelo marido, e a quem ele convenceu a voltar ao instrumento ouvindo Villa-Lobos e Brahms; além do próprio Villa-Lobos, que ele encontrou em Paris duas vezes, enfim, todos estes eram imigrantes, ou gente vivendo um tempo longo fora do seu lugar de origem.

Meu pai nunca percebeu que tanto a falta que seu Laszlo sentia da língua quanto a severidade de Marisa estavam mais ligadas do que pareciam. O húngaro e a americana tiveram coragem de tentar o Brasil e ali começar uma vida nova, agora sem contar com o frescor do seu próprio idioma ou sotaque na boca

dos outros. Creio que em parte por isto o imigrante é aquele que sempre desconfia de si; que vê a terra onde escolheu viver ao mesmo tempo como sua e não sua. Quem imigra faz da vida um campo de humildade. Por isto nenhum imigrante pode ser totalmente transparente, pois está sempre sujeito à diferença e à queda. Precisa se escamotear e, mesmo que não queira, não pode evitar aquele velho cacoete do espelho, comparando a imagem de lá com a de cá.

Por isto não exijam do imigrante a transparência. A transparência é um luxo de quem nunca saiu de casa, de quem pode contar integralmente com a sua própria cultura; contar com o império duma única língua e o tecido inteiro, sem rasgos, das relações sociais que nos amparam nas escaladas e nos tropeços. Mas quem vive entre duas culturas é lembrado a todo instante de como os outros falam e escrevem seu próprio nome, tal como o velho Laszlo. Quem vive assim não pode deixar de se vigiar, de ficar mais rijo, duvidando da pachorra dos outros, como a minha avó Marisa duvidava das manhas do meu pai. Esta foi para mim a lição mais útil desses dois estrangeiros que tiveram coragem de enveredar pelo abrasileiramento; um que nunca foi total, porque o abrasileiramento total, ou a americanização total, é uma fantasia para se tapear os patriotas e a gente de coração mais tolo. Existe rolando dentro de cada família uma astúcia da imigração esperando para ser desatada. E é com ela que aqueles que imigram se defendem e estiram uma língua nova.

Porque o imigrante fala embolado, tem três línguas na boca. Primeiro a do lugar de onde veio: essa língua dos avós, da mãe doceira, da gente nas ruas da infância dele; língua com a qual imitou o piado das aves e aprendeu a beijar. Em seguida, a língua do lugar para onde foi: necessária e empulhadora, ora linda, ora cruel, onde cada expressão é um poço esperando para que o imigrante ponha o pé e morra dentro; mas é também uma porta que se abre para um chão enorme. A terceira, sim, é que é a língua dele, bastarda e cheia de feridas, aprendida nos livros e nas calçadas; pessoal e intransferível, língua tatuada de aftas; é a mais verdadeira, porque é contagiosa.

Tudo que contagia é mais verdadeiro, porque só o contágio anima e mata. É difícil escapar daquilo que nos anima e mata. Então a terceira língua do imigrante sai da boca orgulhosa e incorreta, lambendo as paredes, os livros e o povo da terra nova. É uma língua discreta e vigorosa, é a que o imigrante vai ensinar à sua filha,

contando a ela as histórias de quem viajou e de quem ficou. As histórias de lá e de cá. Quem vive apenas dentro de uma só língua, vive num mundo simples. Mas a língua do imigrante não é assim. É língua de dois canos, híbrida, língua gaga, humilde e criativa, porque tem de abrir seus próprios caminhos. Ser imigrante é ter o aparelho da fala multiplicado.

Em setembro de 2005 completei dez anos de Califórnia, quase igualando o tempo que meu pai passou fora do Brasil. Em agosto, de férias, voltei à rua de seu Laszlo e procurei a casa dele. A parreira não estava mais lá; o velho tinha morrido fazia tempo e ninguém se lembrava quando. A casa agora é um anexo da Fundação Joaquim Nabuco. Saí dali querendo saber um pouco mais sobre a minha própria avó; pensei nela, que passou seus últimos anos como voluntária no Hospital do Câncer. Lá ela fez amizade com todo mundo, ficou sendo querida e acabou morrendo no mesmo lugar, da mesma moléstia que aqueles a quem tinha feito companhia. No final da vida creio que ela e meu pai—a imigrante e o retornado, os dois com as línguas estropiadas pelo tempo fora—creio que eles fizeram as pazes. Digo que *creio* porque não tenho lembrança de nenhuma reaproximação cabal, de nenhuma conversa longa entre os dois. Mas no silêncio de cada um, na falta das velhas farpas—porque ela também o desmerecia muito—eu via uma ponta de respeito se alargando mais e mais. Então, com a doença de ambos, já na velhice os ânimos se abrandaram, as bandeiras de antes perderam as cores e um modo mais imigrante e solidário abriu os braços juntando aqueles dois contrários.

O livro de cozinha de dona Marisa ficou para minha mãe; agora é meu. Há tempo que aquelas receitas americanas já tinham entrado no gosto da família. Lembro que meus colegas às vezes me diziam: “Zé, a broa de milho da tua mãe é uma coisa, hein!” Ou então diziam: “Rapaz, mas que diabo de bolo de chocolate queimado tão bom...”, quando na verdade não sabiam que aquilo era o modo de minha mãe fazer *corn bread* e *devil’s food cake* misturando as receitas locais com as de Nova Orleans. Ora, o imigrante é o único que sabe a verdadeira graça disso.

O imigrante é o único que pode em plena Califórnia dizer uma coisa assim: Minha gente, o Brasil sou eu. Eu sou o Brasil. Onde eu puser o pé fica sendo o Brasil. Eu ponho o pé, cresce cana, eu corto sem faca. Mão sozinho. Faça açúcar com palavras e daí tiro

uma história para contar. Onde tiver gente querendo ouvir estas histórias, também aí será o Brasil. Onde aprenderem a minha língua, na rua ou na sala de aula, aí mesmo é um canto do Brasil.

E agora mesmo não posso deixar de pensar que sou um pedaço daquela broa americanizada, e um pedaço do *devil’s food cake* abrigado; e também uma espécie de seu Laszlo, que tenta chamar atenção à minha língua, à ortografia do meu nome e à história do açúcar refinado, como para ele era refinada aquela bala de fuzil que lhe escavou o corpo.

Quando minha família perdeu a mão para a cana, e com isto perdeu tudo, foi a venda das tortas da minha mãe que me pagou o colégio e as aulas de inglês com dona Creusa von Söhsten—aliás, esposa do falecido Prof. Elijah, imigrante americano de origem holandesa. E a famosa torta de nozes, que tanto fez parte da mesa das famílias do Recife, torta que eu mesmo vendi e que foi parar no cardápio dos restaurantes, essa torta já então chamada de tradicional nada mais era do que uma versão do *German layered cake* e da *pecan pie* que minha mãe tirou dos livros da minha bela avó americana e fez ainda melhor, porque fez com açúcar pernambucano. Só um imigrante pode rir disso com justiça de causa, porque sabe que o começo de qualquer tradição não passa dum pouco de fantasia com circunstância e auto-engano.

Então Catende e Recife ainda são a minha casa. São Paulo, Los Angeles e Berkeley ficaram sendo a minha casa. Nova Orleans também foi e será minha casa. Em todos esses lugares vou acompanhado dessa raça doce, de explosão amiga, fatalista, vaidosa e solidária, cordial e sacana, esta raça escamoteada que somos nós, os imigrantes. E onde minha filha aprender a minha língua, aí também será minha casa. Onde as pessoas se lembrarem de seu Laszlo, e do nome dele enlouquecendo os brasileiros, ali é a casa dele. Porque a terceira língua do imigrante é uma língua grávida. Qualquer um traz na boca a potência dessa língua. Mas, gente, só um imigrante pode dizer isto com o coração aberto e justiça de causa. Então, tentem vocês também. Imigrem logo para ver o que é bom!...

* * *

Mal acabei de ler este texto, que então se chamava “As três línguas do imigrante”, e as pessoas sentadas no auditório começaram a aplaudir. Voltei para a mesa

e alguns vieram falar comigo dizendo que tinham se reconhecido naquele pedaço de memória sobre seu Laszlo, Marisa e meu pai. Uma mulher de vestido preto veio me dizer que vocês, os nordestinos, são muito engraçados; que tinha um amigo do Rio Grande do Norte que também gostava muito de contar histórias, e ela achava isto ótimo. Eu lhe agradei o elogio.

Alguém me perguntou se eu estava ciente de que a TV Globo tinha uma novela no ar chamada *América*, sobre a imigração brasileira para Miami. Disse que sim, que o tema tinha esse apelo. A verdade é que não me chateei com os comentários que passavam na tangente. Pus no texto o tom da lágrima, usei aquelas repetições que por amor ao eco o ouvido tanto gosta, especialmente se este rumor vem lá de trás, trazendo de volta os mortos ou os que vão longe. Quem nunca chorou um morto ou esteve muito tempo fora de casa?

Tentei me livrar das perguntas e saí para o saguão em frente ao auditório. Apanhei um copo de café, abri a porta envidraçada e pus a cara no dia. Do lado de fora da capela jesuíta tinha um estacionamento com jardineiras em ziguezague. Andei por ali e desci pela pista lateral, margeando o prédio, subindo a colina até dar num bosquezinho de eucaliptos com bancos de praça e vista para a Golden Gate. Assim como em Los Angeles, também aqui em São Francisco as calçadas são muito limpas, varridas, e creio que esta mistura de universidade católica com o gosto nacional pela higiene pública dá ao lugar um ar de brinquedo de boneca, de reino de fadas, com as árvores plantadas a passo de régua, crescendo a vinte pés umas das outras. Pensava nisto, quando de repente Bernadete Beserra, que estava na platéia, veio me buscar para a segunda sessão. Conversamos mais um pouco e, creio eu, dali já começou a virar uma amizade nova.

Dois meses depois da conferência, Bernadete me escreveu dizendo ter localizado por acaso uma neta do velho armeiro. A família de seu Laszlo leu o texto e me fez alguns reparos na minha recordação de criança admirada das amizades do pai. Estes reparos mudaram as fileiras às quais pertencia o nosso pequeno herói e, finalmente, tiraram de mim aquele consolo que é a sensação da memória firme e quase toda inocente.

From: Jose Luiz Passos <zeluiz@berkeley.edu>
Sent: Saturday, February 04, 2006 11:15 AM
To: 'Bernadete Beserra'
Subject: RE: Re: [LITT] Re: Lançamento: Biografia de Machado de Assis

Oi Bernadete,

Obrigado pelo toque. Desculpe o silêncio, mas suas duas últimas mensagens me pegaram de férias. Só voltei dia 10. E voltei atrasado para preparar meus dois cursos. Daí, já viu. Ando atolado em trabalho, fazendo tudo em cima da hora por conta da preparação da chegada de Cecília, que nasce daqui a um mês. Sobre seu Laszlo, imagine: a memória do menino de 10 anos—que eu era—mudou a casaca do soldado húngaro, fazendo dele um super-herói. Fico contente que a família tenha gostado, apesar do lapso que cometi. Grande abraço, e continuemos em contato,

Zé

From: Bernadete Beserra <bernadetebeserra@yahoo.com.br>
Sent: Tuesday, January 03, 2006 5:39 PM
To: Jose Luiz Passos
Subject: En: FW: RE: Laszlo// Recife grande e mundo pequeno

Querido Zé Luiz,

Antes de tudo: desejo-lhe um excelente 2006...

Veja as coisas deste mundo: eu enviei o seu texto para Lia Fook Shian, um amigo meu que mora no Recife, e é também poeta... Acho que uma das suas colegas no curso de Direito (é, ele resolveu fazer direito depois de "velho") tem o mesmo sobrenome do Seu Laszlo e ele resolveu conferir. Envio abaixo a reação dela ao seu texto...

Grande abraço,

Bernadete

From: Lia Shiam <lia.fook@receita.fazenda.gov.br>
To: brbeserra@hotmail.com
Subject: RE: Laszlo
Date: Tue, 3 Jan 2006 10:03:44 -0300

Veja só, Bernadete, a minha colega é mesmo neta do Sr. Laszlo.

Atenciosamente,

Lia Fook Shiam
Auditor-Fiscal da Receita Federal mat.
28790
DIIFIS/SRRF04
Fone: 02181.3343.5599

----- Repassado por Lia Shiam/RF04/SRF em
03/01/2006 10:01 -----

"Michelle Molnar" <michelle_molnar@hotmail.com>
Para: lia.fook@receita.fazenda.gov.br
Assunto: RE: Laszlo

02/01/2006 17:10

Fook,

Acabo de ler o arquivo junto com meu pai e, de fato, a referência é a meu avô, falecido em 1987. Meu pai ficou bastante emocionado com o arquivo, pediu para agradecer demais pela lembrança.

Foi muito bonita a homenagem e, nas palavras de meu pai, apenas alguns retoques ele faria ao conteúdo: primeiro, que meu avô não era preso alemão; ao contrário, a Hungria era aliada dos alemães. No final da guerra, ele foi prisioneiro de guerra dos americanos.

Além disso, ele era comandante de uma unidade de blindados durante a guerra (tanques de guerra) e o conserto ou reparação era feito pelos próprios integrantes da unidade. Por fim, o ferimento que ele sofreu foi, em verdade, no osso esterno, causado por um tiro de um franco atirador russo, que usava um fuzil Tokarev 7.62 (calibre padrão russo).

No mais, tudo era isso mesmo: sobre as histórias, a casa, a parreira, a oficina de armas, a falta de alguém com quem conversar em húngaro (tinha apenas minha avó, além dos filhos)...

Bem, reitero o agradecimento de meu pai. Obrigada por encaminhar o arquivo!!!

Abraço e um maravilhoso 2006,

Michelle

From: Lia Shiam <lia.fook@receita.fazenda.gov.br>
To: michelle_molnar@hotmail.com
Subject: Laszlo
Date: Mon, 2 Jan 2006 16:32:25 -0300

Michelle,

O Sr. Laszlo, referido na história contada no arquivo anexo, é seu avô?

Fook.

----- Repassado por Lia Shiam/RF04/SRF em
02/01/2006 17:28 -----

Yahoo! doce lar. Faça do Yahoo! sua homepage.
(See attached file: As_três_línguas_do_imigrante.doc)

<<As_três_línguas_do_imigrante.doc>>

forwarded by lia.fook@receita.fazenda.gov.br
forwarded by bernadetebeserra@yahoo.com.br
forwarded by zeluiz@berkeley.edu

JLP escreve e ensina em português e inglês. É professor no Departamento de Espanhol e Português da University of California, Berkeley.